

Cadernos de estágio

Ser professor: uma reflexão a partir das vozes que echoam na sociedade

Bianca Pedron Cassol ¹

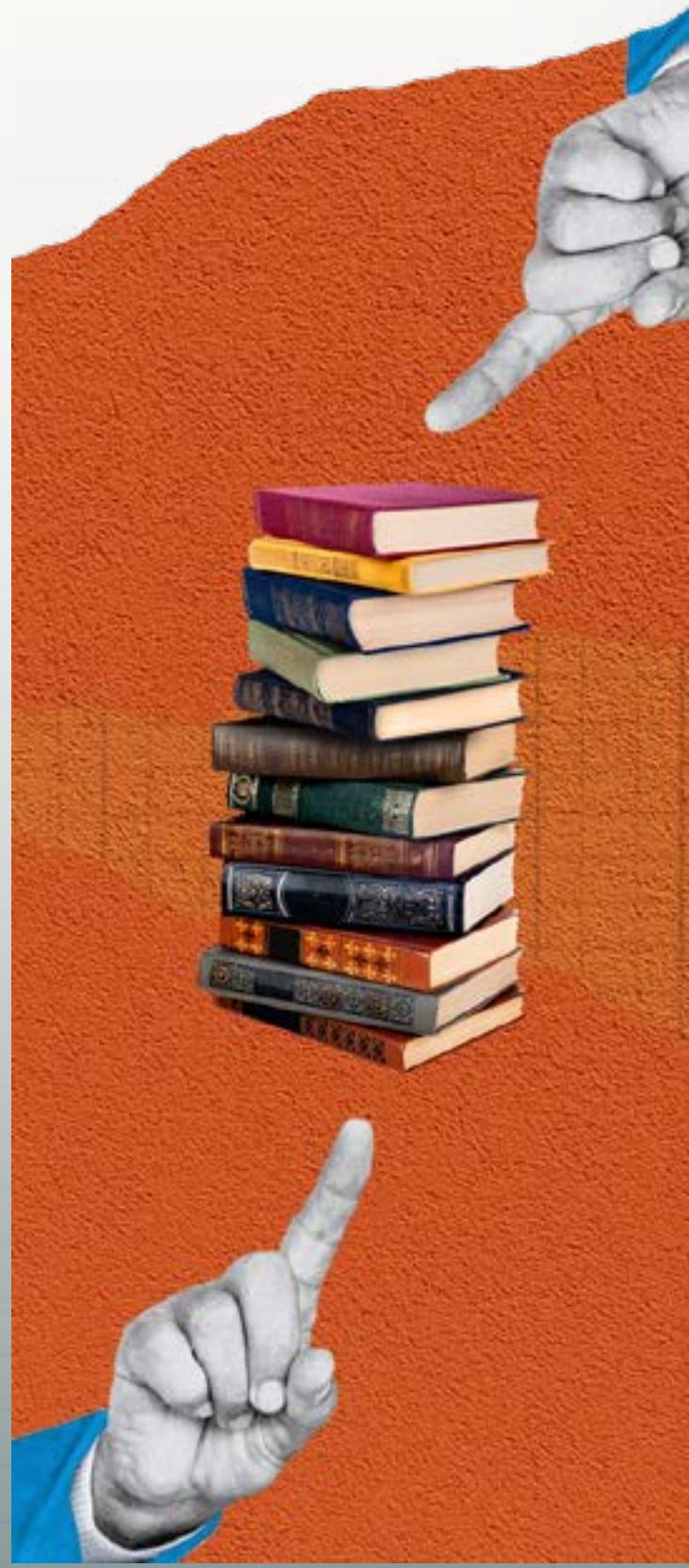
Luciane Todeschini Ferreira

Informações

1 bpcassol2@ucs.br

Como citar este texto

CASSOL, Bianca Pedron; FERREIRA, Luciane Todeschini. Ser professor: uma reflexão a partir das vozes que ecoam na sociedade. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 2, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n2ID39335](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n2ID39335).



Volume 7, N2

Cde

Julho - Dezembro
Submetido em: 04 de Março de 2025
Publicado em: 25 de Agosto de 2025

ISSN: 2763-6488

Ouvir constitui-se como uma habilidade primordial para um professor: no seu cotidiano, é necessário que o docente ouça a equipe diretiva, a comunidade escolar, seus colegas de trabalho e, em especial, os educandos. Ouvir não significa, no entanto, uma tarefa estática, em que o educador fica imóvel a escutar seus colegas compartilharem suas experiências com determinada turma, enquanto, na verdade, está a pensar em outras tarefas que precisa cumprir.

No contexto deste estudo, ouvir recebe uma significação mais específica, aproximando-se das reflexões de Carbonara (2016), que considera imprescindível, em uma situação de diálogo, que estejamos abertos a ouvir aquilo que ainda nos é desconhecido. Sendo assim, ouvir é, por exemplo, acolher as manifestações dos demais professores; é receber as novas ideias de projeto da equipe diretiva e dos colegas de trabalho, criando um espaço de troca de saberes e vivências; é assegurar ao estudante que, antes de tudo, ele é um ser humano e que, portanto, carrega para a sala de aula todos os seus sentimentos e conhecimentos prévios de mundo, que merecem ser acolhidos e respeitados.

Em consonância a essa perspectiva, a disciplina Estágio I em Línguas e Literaturas do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade de Caxias do Sul objetiva que o graduando seja capaz de analisar a realidade escolar educacional, promovendo seu contato com as

múltiplas vozes que fazem parte desse processo: as famílias, os professores, os funcionários da escola, os educandos, a comunidade e os documentos legais que regem essas instituições.

Com vistas a esse fim, a disciplina contempla atividades teórico-metodológicas e práticas, com aulas expositivo-dialogadas e visitas técnicas aos ambientes a serem observados (escola e sala de aula). Os levantamentos e discussões suscitadas nessa disciplina servirão de subsídios para os demais estágios previstos no currículo universitário, os quais são: Estágio II em Língua Portuguesa (em que o graduando ministra aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II – 6º ao 9º ano); Estágio III em Língua Portuguesa (em que o graduando ministra aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio); e Estágio IV em Literaturas de Língua Portuguesa (em que o acadêmico desenvolve e ministra oficinas em Literaturas de Língua Portuguesa para a comunidade).

A seção a seguir apresentará um recorte de um trabalho desenvolvido durante a disciplina de Estágio I em Línguas e Literaturas, cuja temática central era as “Vozes da Educação”. O objetivo estabelecido pela docente, na disciplina, era que, a partir de pesquisas em meios diversos (artigos acadêmicos, entrevistas, redes sociais, sites da internet e filmes) fosse produzida uma reflexão a respeito do que a sociedade brasileira

ra pensa sobre a educação e sobre o ser professor: qual imagem tem-se desse profissional?; como ele é visto pelos outros e por si próprio? Nesse primeiro contato direto do graduando com o ambiente educacional torna-se relevante avaliar e ouvir as vozes que ecoam na sociedade, para que, a partir delas, ele possa ter maior clareza sobre sua identidade e suas perspectivas quanto futuro educador.

Apresentar-se-á, portanto, um recorte do trabalho desenvolvido dando um enfoque especial à maneira como o professor é retratado em alguns contextos, a saber: a) no filme “O Substituto”, 2011, dirigido por Tony Kaye; b) em uma postagem feita no instagram por uma professora; c) em uma publicação feita no portal de notícias UOL (2016) e outra feita no Portal Futura (2023).

3

AS VOZES QUE CONSTITUEM O SER PROFESSOR

O que é ser professor? Dessa forma, isolada e sem muitos complementos, a pergunta provavelmente receberá uma multiplicidade de respostas. Não é necessário ir muito longe para que se perceba as diversas formas como a comunidade enxerga a docência: analisando as publicações online e os filmes já é possível identificar as nuances que cercam essa temática.

Se comumente na tela do cinema o educador é retratado como um herói

que muda a vida dos educandos a partir do vínculo que estabelece com eles e, muitas vezes, renega momentos de lazer e utiliza dos próprios recursos financeiros para organizar suas tarefas pedagógicas, no filme “O Substituto”, lançado em 2011 e dirigido por Tony Kaye, o “ser professor” está envolto em uma teia de complexidades. Em uma das primeiras cenas, o protagonista Henry Barthes, ao falar de sua profissão, evidencia:

A maioria dos professores aqui, em determinado ponto, acreditava que podia fazer a diferença. Eu sei como é importante ter um rumo e também ter alguém que possa ajudar a entender as complexidades do mundo em que se vive, eu mesmo não tive isso quando era criança (O Substituto, 2011, 3:22).

Apesar do anseio que os profissionais da educação têm pela mudança que são capazes de realizar, o filme não glamouriza a docência, bem como não exclui outras dificuldades da profissão para exaltar a diferença que o educador pode promover na vida do sujeito. Todas essas questões que permeiam o ser professor (o desejo pela mudança, o acolhimento ao estudante, a importância do ouvir, a frustração de não ser visto pela sua equipe, a sensação de estar lutando sozinho e de estar fracassando) todo esse emaranhado de sentimentos faz o filme distanciar-se de uma romântização da profissão e aproximar-se cruelmente da realidade.

Tendo como fio condutor a vida de Henry Barthes – professor substituto

em uma escola pública –, o espectador vê, aos poucos, a trajetória pessoal e profissional do protagonista mesclar-se com muitas outras vidas presentes na instituição escolar, indo desde a figura da diretora até os próprios educandos; pessoas que, assim como ele, também carregavam dentro de si seus medos, inseguranças e conflitos. Todas essas questões que estão alojadas nesses indivíduos acabam, evidentemente, eclodindo no espaço escolar. Isto é, todos esses conflitos pessoais também se fazem presentes no processo ensino-aprendizagem.

Nesse cenário, um gesto que parece simples – o ouvir – mostrou-se suficiente para a criação de um vínculo e de um sentimento de pertencimento para aqueles estudantes, cujas histórias revelaram a negligência que eles vivenciavam em suas casas: esses jovens não eram ouvidos pelos pais e sentiam-se pressionados a seguir o caminho planejado pelos adultos, vendo suas necessidades serem postas de lado, sem nenhuma consideração. Nesse caso, o docente tornou-se a única pessoa que parecia, de fato, enxergá-los em meio à multidão, oferecendo-lhes algo que, até então, não tinham: voz!

Transitando dos filmes para os veículos de comunicação online, o perfil do

docente costuma estar atrelado à paixão e à esperança. O site UOL, por exemplo, publicou, em 2016, como forma de comemoração ao Dia do Professor, uma matéria intitulada “O que é ser professor para você?”, que reuniu as respostas dos comentaristas do Jornal da Cultura a essa pergunta. Aqui, as vozes uniram-se em uníssono e podem ser traduzidas por uma única palavra: amor.

Ser professor é apostar na esperança. É trabalhar com algo que não está pronto ainda. É entender-se parte de um processo de transformação. Ser professor é uma função de aposta no futuro. Ser professor é uma capacidade de observar a plenitude do ser ainda na sua fase inicial. E, acima de tudo, de controlar seu narciso para apostar num indivíduo que possa se desenvolver (Karnal, 2016, online)¹.

Professor é aquele que partilha o que sabe, procura o que não sabe, pratica o que ensina, pergunta o que ignora e vai em busca daquilo que é a capacidade de não ser exclusivo. Isso é a docência: uma maneira de existir. Não é só uma profissão. Por isso, ela tem em si a palavra doce (Cortella, 2016, online).²

Com os relatos descritos até aqui, torna-se perceptível que há uma visão unânime da docência: repete-se a ideia do professor que marca o educando, que é capaz de transformá-lo. Apesar disso se constituir como uma verdade parcial, há muitos outros fatores intrínsecos na profissão que acabam sendo “sombreados” por essa visão mais positiva. Nesse

¹ Resposta de Leandro Karnal à pergunta “O que é ser professor para você?” feita pelo Portal UOL e publicada em 15 de outubro de 2016.

² Resposta de Mario Sergio Cortella à pergunta “O que é ser professor para você?” feita pelo Portal UOL e publicada em 15 de outubro de 2016.

sentido, o filme mencionado anteriormente, “O Substituto”, vai além quando não mostra a equipe escolar apenas como os heróis que, magicamente, salvam vidas. Não, esses profissionais também têm seus conflitos pessoais e momentos de descrença na docência, em especial frente à resistência das famílias em participar dos eventos da escola e ao comportamento dos educandos. Para exemplificar, pensemos na cena em que a orientadora educacional, Dra. Doris Parker, dialoga por telefone com o responsável de um educando que apresenta alguns problemas comportamentais na sala de aula. Frente à colocação da orientadora, o adulto culpabiliza a escola por não saber lidar com o adolescente que, segundo a família, teria déficit de atenção. No entanto, o déficit não foi diagnosticado e, pela fala do responsável, o interesse do adulto seriam os benefícios que ele receberia (um notebook grátis). Segue-se à cena, um desenho feito a giz em uma lousa verde em que a Dra. Doris Parker é enforcada pelo fio do telefone.

Outra situação marcante no filme foi o evento “Noite dos Pais” promovido pela escola e que, no entanto, não teve adesão por parte das famílias. Diante disso, Henry enfatiza como a falta de participação das famílias pode ser, antes de tudo, a origem de tantos outros problemas enfrentados no cotidiano da escola: “Na verdade eu me senti em casa, só não estavam os pais. Eu achei

muito apropriado, foi como o momento de revelação da realidade do maldito problema pra começar” (O Substituto, 2011, 1:18:55).

Ao mostrar essa faceta da profissão, o filme criou uma visão mais humanizada do docente, revelando as fragilidades que esses profissionais vivenciam em momentos específicos de suas carreiras, sentindo-se, inclusive, impotentes diante de algumas situações. Portanto, esse mosaico de sentimentos não é uma tarefa fácil, como pode parecer à primeira vista. Pelo contrário, como reforçado durante o filme, todos estão lidando com suas próprias escolhas e frustrações diariamente; mas, às vezes, essas vozes de medo, angústia e ansiedade conseguem encontrar e reconhecer na palavra de alguém – o educador, por exemplo – um sentimento de segurança e conforto; um momento em que as angústias de um encontram acalento na voz do outro.

Essa discussão acerca dos problemas que envolvem a profissão docente foi reforçada pela matéria do Portal Futura (2023) intitulada “Dia do professor: apesar dos desafios, 8 em cada 10 escolheriam a profissão de novo”. Nesse texto, a autora Tamíris Almeida descreveu, de forma sucinta, os resultados da pesquisa de opinião realizada pela Organização não governamental (ONG) Todos pela Educação, em parceria com o Instituto Península, Itaú Social e Profissão Docente, no ano de 2022, com mais de 6,7 mil educadores de escolas públicas

de Ensino Fundamental e Médio em todo Brasil.

Em consonância com os resultados da pesquisa e cenas retratadas no filme utilizado como fonte, percebe-se que os desafios começaram a ganhar fôlego e fizeram barulho atrás das vozes calorosas do afeto. Isso foi ainda mais evi-denciado quando a professora de Edu-cação Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro, Isabela Pereira Vique, foi ouvida: “Sinto que a falta de confian-ça tem se instaurado cada vez mais na função docente. Outro ponto de atenção são as dificuldades estruturais, como fa-zer passeios para lugares mais longes e ter turmas muito grandes para apenas uma professora, por exemplo” (Vique, 2023)1. Aqui, portanto, o filme “O Substituto” deixa de ser meramente ficção e acaba tornando-se muito semelhante à realidade.

O cansaço da classe docente também recebe atenção nas redes sociais. No ins-tagram é possível encontrar uma série de posts nos quais educadores relatam algumas de suas experiências na sala de aula. Em postagem, uma educadora trouxe reflexões que conversam intima-mente com as ideias abordadas ante-riormente. Na publicação, brincou com todas as situações “básicas” que os pro-fessores enfrentam diariamente: “fazer parte de um filme com uma produção, por vezes, explosiva” (referindo-se às brigas que acontecem entre os educan-dos); “responder sempre ao ‘por quê?’”;

“Manter os pés no chão, encontrar solu-ções quando sentes que toda turma está a perder o controle”; “Os fins de sema-na são sagrados... nada como dedicar o domingo a planejar aulas e a corrigir trabalhos”; “Quando tens de encontrar a melhor forma de ensinar 25 crian-ças. Cada uma especial à sua maneira”; “Quando nunca sabes qual batalha que vais enfrentar nesse dia (referindo-se aos desafios, como novos estudantes na turma ou prazos a cumprir); “Receber um salário que mal cobre as despesas básicas e gastar parte desse dinheiro em materiais para utilizar no trabalho”; “Estar sempre pronta para salvar o dia”. Essas “versões” pelas quais o docente transita ao longo de suas horas de tra-balho tornam-se desgastantes e encon-traram-se em muitas das vozes anali-sadas neste texto, como, por exemplo, o filme “O Substituto”, que, apesar de relatar a afetividade, também encenou muito bem o cansaço e o esgotamento da classe docente diante da tentativa de “salvar” os educandos.

O professor, que muitas vezes precisa assumir tantos outros papéis dentro do ambiente escolar, também se sente de-sencorajado e exaurido no final de sua jornada pedagógica. Nesse ponto fica evidente as nuances que há na profis-são docente: se por um lado, esse pro-fissional incentiva seus educandos e é, muitas vezes, fonte de acolhimento e inspiração; por outro lado, ele também enfrenta suas próprias batalhas e, nem

sempre, sente-se tão estimulado a continuar nessa luta.

Em suma, essas vozes que fazem parte do cotidiano (estão nas redes sociais, nos filmes e nos veículos de comunicação online), acabam constituindo uma visão do que é ser professor. No entanto, também suscitam no interlocutor uma série de outros questionamentos; perguntas essas que, para Selma Garrido Pimenta (Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP) e Maria Socorro Lucena Lima (Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará - UECE), estão, apesar de necessárias, ausentes dos programas das disciplinas de formação de professores:

O que significa ser profissional? Que profissional se quer formar? Qual a contribuição da área na construção da sociedade humana, de suas relações e de suas estruturas de poder e de dominação? Quais os nexos com o conhecimento científico produzido e em produção? (Lima; Pimenta, 2005-2006, p. 2).

Dessa forma, quando a disciplina de Estágio I em Línguas e Literaturas colocou o graduando no centro do processo educacional, possibilitou-se que esse futuro professor dialogasse com a multiplicidade de vozes que ecoam na sociedade; assumindo uma postura reflexiva e analítica, em um processo em que a teoria não têm um papel rígido e imutável, mas, sim, fornece instrumentos para interpretar as atividades pedagógicos de determinada instituição escolar,

ao mesmo tempo em que também acaba sendo questionada pela realidade que se observa:

[...] o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (Lima; Pimenta, 2005-2006, p.8).

Essa é, portanto, a importância do estágio na formação acadêmica do docente: fazer com que, em meio a esse mosaico de sons, o futuro professor encontre as vozes que reverberam em seu coração, tendo mais clareza de sua identidade profissional e tornando-se, futuramente, aquele que, ao escutar, dá voz para que os educandos sejam escritores de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tamíris. Dia do professor: apesar dos desafios , 8 em cada 10 escolheriam a profissão de novo. **Futura**, 9 out. 2023. Disponível em: <<https://futura.frm.org.br/conteudo/professores/noticia/dia-do-professor-apesar-dos-desafios-8-em-cada-10-escolheriam>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CARBONARA, Vanderlei. “Saber ouvir” na hermenêutica filosófica de Gadamer: entre linguagem e ética. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; GOERGEN, Pedro; RAJOBAC, Raimundo (Org.). **Experiência**

formativa e reflexão: homenagem a Nadja Hermann. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2005-2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 19 fev. 2025.

O QUE é ser professor para você? **UOL**, 15 out. 2016. Disponível: <https://cultura.uol.com.br/noticias/167_o-que-e-ser-professor-para-voce.html>. Acesso em: 19 fev. 2025.

8

O SUBSTITUTO. Direção de Tony Kaye. Paper Street Films, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SRvJrxsrtsE>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

VALÉRIO, Sílvia. **Ser professora é básico.** 18 maio 2024. Instagram: @a_minha_sala_de_aula. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7HI3oDsFmY/?img_index=1>. Acesso em 19 fev. 2025.